

A HERANÇA EGÍPCIA DA MÍSTICA CRISTÃ NO PROTOCRISTIANISMO: ANÁLISE DOS COSTUMES MÁGICOS DOS PRIMEIROS CRISTÃOS E SUA RAIZ NO EGITO ANTIGO

Anna Flávia de Almeida Figueiredo¹

Assim como a cultura egípcia estava fortemente ligada ao exercício de magia, as comunidades cristãs compartilhavam da mesma realidade. Os cristãos também inseriram em sua expressão de fé práticas místicas, como é evidenciado nos Papiros Mágicos Gregos (PGM), um dos documentos mais antigos que temos acesso a respeito do misticismo cristão. Os PGM são compilados de textos de teor mágico provenientes do Egito e datados do séc. I a V EC que contêm instruções para amuletos e encantamentos. Os egípcios tinham por costume fazer para si objetos mágicos, costume que foi incorporado na religião popular cristã, que trouxe do politeísmo a inserção de divindades fora da tradição cristã em suas atividades mágicas. Com o intuito de explorar o diálogo entre as duas crenças e como isso afetou a religião popular cristã, iremos analisar nesta comunicação o conteúdo dos Papiros Cristãos, que a primeiro momento dão a impressão de serem simples petições e orações dirigidas as figuras santas dos Evangelhos, porém, seguem a mesma fórmula dos demais encantamentos não-cristãos. Além das orações, esses testemunhos consistem também em instruções de como fazer amuletos e encantamentos e tinham como foco o sucesso do portador do amuleto; cura física; vitória contra inimigos tanto físicos quanto espirituais; de teor romântico e até exorcismos, dentre outros. De acordo com Manuel García Teijeiro em seu artigo: *Sobre los papiros mágicos cristianos*, de 1994, o amuleto não era só uma junção de palavras e símbolos; era necessário que um ritual fosse performado para que o objeto fosse tomado de poder. As palavras deveriam ser professadas da forma correta. O que se desejava deveria ser dito com precisão, pois se realizado de forma errada ou até mesmo deixar vago o propósito do feitiço, resultaria no total fracasso do amuleto. Além de carregar o amuleto consigo, parece que o usuário de tais objetos sentia a necessidade de potencializa-lo ao invocar mais de uma divindade em um mesmo feitiço. Para exemplificar o caráter sincrético do misticismo cristão, iremos observar – dentre outros feitiços – o encantamento presente no P4 que instruí a realização de exorcismo. O feitiço consiste em uma série de passos que invocam deuses de diferentes tradições religiosas, incluindo a egípcia. Também

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pela UMESP, 1º período. Graduada em Teologia pela UMESP.
E-mail: anna.figueiredo@hotmail.com

observaremos uma característica peculiar dos praticantes de magia, isto é, o uso das *voces magicæ* (palavras mágicas). Palavras que aparentemente não possuem nenhum sentido lexical, mas eram usadas em feitiços e rituais mágicos, como a palavra “abracadabra”, por exemplo. É através de estudos sobre os Papiros Mágicos Gregos que percebemos como o cristão primitivo desenvolvia sua misticidade constantemente, mais do que nos deixamos reconhecer. A realização de rituais no contexto do protocristianismo parece ser só mais uma manifestação da crença de que certos ritos podiam envolver o além-mundo e influenciariam os acontecimentos cotidianos. Como referencial teórico usaremos as obras de autores tais como Mircea Eliade (2011) e Manuel García Teijeiro (1994), o primeiro sendo referência no estudo sobre as religiões e misticismo, e o último sendo reconhecido pelo seu trabalho de análise dos PGM. Também nos faremos valer dos estudos de Christine Prieto (2007), Paulo Nogueira (2020), Daniel Ogden (2002) que analisaram as práticas mágicas dos cristãos dos primeiros séculos da Era Comum. É de extrema importância acadêmica e sociocultural investigar como o cristianismo bebeu de fontes politeístas, com raízes egípcias e místicas e se transformou em uma verdadeira amálgama em forma de religião como conhecemos hoje. É possível concluir, com a análise dos papiros cristãos, que a prática de magia e seu uso junto ao corpo, através dos amuletos provenientes de crenças distintas, não era algo não-condizente com a fé cristã da época. Pelo contrário, parece ser só mais uma manifestação da crença em Jesus e revela, de igual forma, a necessidade do cristão em legitimar os feitos sobrenaturais de Cristo ao referenciar tais ações em seus objetos mágicos. Consideramos também que o estudo do misticismo cristão é um convite ao livre diálogo entre o cristianismo como conhecemos hoje e religiões politeístas. Reconhecer que o cristianismo existe no plural é dar um passo inicial em uma longa estrada onde é possível admitir que há mais semelhanças que aproximam as religiões do que tradições e dogmas que as separam e dividem.

Palavras-chave: Papiros Mágicos Gregos; magia; protocristianismo; religião egípcia; crença.